

O Brasil no Haiti: mais uma incursão da masculinidade militarizada?

FELIPE ALEXANDRE MOURA

O Haiti hoje enfrenta um colapso institucional, com grande parte da capital, Porto Príncipe, sob o controle de grupos armados que aterrorizam a população, incitando o caos e a violência generalizada (Le Monde, 2024). Nesse cenário, o Brasil se comprometeu em apoiar o país na restauração de sua ordem interna, fornecendo treinamento tático à Polícia Nacional do Haiti, no âmbito da Missão Multinacional de Apoio à Segurança no Haiti, aprovada pela resolução 2699/2023 do Conselho de Segurança das Nações Unidas (BBC Brasil, 2023).

Contudo, a presença brasileira mais proeminente em território haitiano, durante a Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (MINUSTAH), é bastante problemática, especificamente no tocante às questões de gênero. Paradoxalmente, foi a partir do início da missão de paz, em 2004, que surgiram os primeiros relatórios e denúncias sobre o tráfico de mulheres haitianas (Smith e Smith, 2010 apud Toledo e Braga, 2020). De fato, isto indicaria que a implantação da MINUSTAH coincidiu com o aumento da violência sexual no Haiti.

Diante disso, esta análise pretende avaliar o potencial brasileiro na capacitação das forças de segurança haitianas, à luz do legado controverso da MINUSTAH em relação às questões de gênero. Para isso, a perspectiva feminista será utilizada como ferramenta metodológica, a fim de compreender como a masculinidade é construída e reforçada em contextos militarizados. Nesse sentido, espera-se contribuir para a reflexão sobre o significado e a utilidade de um treinamento tático brasileiro à Polícia Nacional do Haiti.

As falhas da MINUSTAH

A desproporcionalidade no uso da força é um dos elementos que caracterizam as incursões da MINUSTAH. O documentário *"It Stays With You"* (2018), dirigido por Cahal

McLaughlin e Siobhan Wills, retrata como os pacificadores da MINUSTAH deixaram um legado mortal no Haiti. Os cineastas colocam uma lente mais ampla sobre o pior episódio de violência do período: o “Massacre de Cité Soleil” ou “Operação Punho de Ferro”. Esta operação exemplifica o quão violenta era a atuação dos capacetes azuis no Haiti. Para executar um líder de gangue na maior favela do país, foram disparados mais de 20 mil tiros ao longo de 7 horas consecutivas. No confronto, dezenas de civis, incluindo mulheres e crianças, foram mortos ou gravemente feridos (McLaughlin, Willis e Louis, 2017 apud Urbano, 2024).

A violência perpetrada pelos pacificadores da MINUSTAH é, também, atravessada por questões de gênero e poder. Os relatos sobre abuso e exploração sexual de mulheres haitianas no período da missão é extenso. Em diferentes canais de comunicação, reportagens revelam que mulheres foram abusadas sexualmente, engravidadas e abandonadas por pacificadores, que eram repatriados quando a gravidez se tornava conhecida. A maioria dos casos investigados se enquadravam em sexo transacional, isto significa que o contexto socioeconômico foi determinante para que mulheres aceitassem fazer sexo com pacificadores da MINUSTAH em troca de dinheiro ou comida (Lee e Bartels, 2019).

Sob esta perspectiva, o conceito de “economia de *peacekeeping*” explica como o incremento nos contingentes de pacificadores da MINUSTAH provocou o aumento dos casos de abuso e exploração sexual de mulheres. Em outros termos, a presença militar masculinizada criou uma demanda por serviços sexuais que foi satisfeita pela oferta de mulheres para a prostituição, cuja situação socioeconômica precária as tornava ainda mais vulneráveis. Assim, a “economia de *peacekeeping*” é, ao mesmo tempo, um resultado da MINUSTAH e uma condicionante para o aumento dos casos de abuso e exploração sexual (Fontoura, 2009 apud Toledo e Braga, 2020).

Militarismo, masculinidade e militarização

Segundo Cynthia Enloe (2014), o militarismo envolve a aceitação de um conjunto específico de percepções sobre o funcionamento do mundo e sobre a natureza

humana. É uma aceção de princípios e valores, que pressupõem máximas como: “em tempos de crise, mulheres precisam de proteção armada” e “em tempos de crise, homens que se recusam a praticar ações violentas estão comprometendo sua própria masculinidade”. O militarismo, então, reflete uma visão tradicional dos papéis de gênero e, concomitantemente, reforça os vínculos entre masculinidade, violência e poder, sobretudo em contextos militares, como zonas de guerras ou missões de paz.

Nesse viés, a masculinidade militarizada é definida em oposição a quem é diferente, ou seja, aos corpos que questionam a normatividade, como os corpos de mulheres, pessoas negras e pessoas queer (Whitworth, 2004 apud Toledo e Braga, 2020). Trata-se, portanto, de um processo de desumanização do feminino e do diferente, concebendo a existência de um “outro” a ser inferiorizado ou combatido, para fazer da violência um ato tolerável (Duncanson, 2007 apud Toledo e Braga, 2020). De maneira análoga, pode-se dizer que esta lógica operou ao longo da MINUSTAH, na medida em que o corpo negro também questiona a normatividade, da qual pertence a branquitude.

A militarização, por sua vez, é um processo social, político e econômico, pelo qual as bases do militarismo se firmam na estrutura de uma sociedade (Enloe, 2014, p. 7). Na visão de Enloe, este processo pode ser globalizado por meio do comércio internacional de equipamentos, tecnologias e armamentos militares, mas também por meio de intercâmbios de conhecimento em sistemas de defesa e treinamentos táticos. Da mesma forma, Enloe explica que a globalização também depende da militarização sempre que conceitos militarizados de segurança nacional fundamentam a criação, manutenção ou fortalecimento de laços internacionais. Sendo assim, a militarização e a globalização são processos que se retroalimentam.

O treinamento tático à Polícia Nacional do Haiti

Após o terremoto que devastou o Haiti em 2010, a cooperação brasileira com o país foi ampliada, o que resultou em um aumento significativo de projetos e uma maior diversificação das áreas de atuação. Segundo o relatório sobre a Cooperação Brasileira para o Desenvolvimento Internacional (COBRADI), aproximadamente R\$130 milhões

em créditos extraordinários foram autorizados para custear as ações de recuperação e reconstrução do Haiti. A partir deste momento, o país se tornou o principal destino da cooperação brasileira no Caribe (IPEA, 2010).

Os primeiros projetos de cooperação do Brasil com a Polícia Nacional do Haiti foram celebrados em 2010, por meio da ABC, e a pedido do mandato da MINUSTAH, pois constituía, na visão brasileira, “iniciativa essencial para a durabilidade da estabilização e do desenvolvimento socioeconômico do Haiti”. À época, o objetivo era capacitar os policiais do quadro da Polícia Nacional do Haiti, por meio da formação de multiplicadores em táticas policiais e no compartilhamento de conhecimento técnico em atividades de armamento e tiro (MRE, 2010).

Estes projetos se assemelham, substancialmente, à mais recente proposta do governo brasileiro de fornecer treinamento tático à Polícia Nacional do Haiti, por meio da Academia Nacional da Polícia Federal. Em resposta à BBC Brasil (2023), o delegado Valdecy Urquiza, diretor de Cooperação Internacional da Polícia Federal, disse que o desejo do governo brasileiro é capacitar as forças de segurança do Haiti para que eles tenham condições de manter a atividade de segurança pública de maneira autônoma.

No entanto, considerando o legado controverso da MINUSTAH decorrente do uso excessivo da violência, o governo brasileiro deveria refletir sobre o significado e a utilidade de um novo treinamento tático à Polícia Nacional do Haiti. Ao enfatizar a centralidade das forças militares para garantir a soberania, treinamentos táticos como este tendem a estimular a militarização e, conseqüentemente, a masculinidade militarizada. Portanto, os esforços de capacitação podem perpetuar padrões de comportamento baseados no militarismo que, em vez de promover a segurança e a justiça, reforçam a dominação e a exclusão (Enloe, 2014).

Considerações finais

O novo projeto de cooperação do Brasil que visa fornecer treinamento tático à Polícia Nacional do Haiti esbarra em um legado problemático deixado pela MINUSTAH. Nessa conjuntura, a masculinidade militarizada nos ajuda a entender como o fenômeno da “economia

de *peacekeeping*” transformou a vulnerabilidade das mulheres em um mercado de exploração sexual. A partir deste conceito, também é possível perceber as estruturas de poder que permitiram com que os capacetes azuis atuassem em território haitiano mais como catalisadores da violência do que verdadeiros pacificadores.

A “curiosidade feminista” é, nessa perspectiva, uma ferramenta essencial para interromper e, em alguns casos, reverter a militarização. Enloe (2014) sugere que este tipo de curiosidade nos permite questionar interpretações consideradas “naturais” ou “lógicas” e, por conseguinte, reconhecer os efeitos que as dinâmicas da masculinidade têm sobre as estruturas de poder. Destarte, a intenção brasileira de fornecer treinamento tático à Polícia Nacional do Haiti no intuito de diminuir a violência no país torna-se questionável, uma vez que as forças de segurança do Brasil ainda reproduzem, assim como no passado, padrões de comportamento baseados na masculinidade militarizada (BBC Brasil, 2020).

Pensar o Brasil no Haiti significa propor uma reflexão acerca das implicações da presença brasileira em território haitiano. No passado, o Brasil desenvolveu um processo intenso de militarização, que culminou na amplificação da violência no Haiti. Apesar das consequências materiais e psicológicas para a população haitiana, o Brasil nunca investigou os crimes cometidos pelas tropas da ONU sob o comando brasileiro. Logo, em vez de facilitar a violência por meio de treinamentos táticos, o governo brasileiro poderia, finalmente, instaurar uma comissão da verdade para julgar os crimes da MINUSTAH e oferecer uma reparação à sociedade haitiana. Enquanto isso não ocorre, documentários como “It Stays With You” possuem a função primordial de preservar a memória coletiva e manter viva a esperança por justiça.

Referências

ONU autoriza e Brasil se prepara para treinar policiais do Haiti. **BBC Brasil**, 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c51qdq08k5wo>. Acesso em: 28/07/2024.

Caso João Pedro: quatro crianças foram mortas em operações policiais no Rio no último ano. **BBC Brasil**, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-52731882>. Acesso em: 01/10/2024.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. Ajuste Complementar ao Acordo Básico de Cooperação Brasil-Haiti para Implementação do Projeto "Capacitação Técnica para Formação de Instrutores de Táticas Defensivas: Defesa Pessoal Policial". **MRE**, 2010. Disponível em: <https://aplicacao.itamaraty.gov.br/ApiConcordia/Documento/download/7302>. Acesso em: 28/07/2024

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. Ajuste Complementar ao Acordo Básico de Cooperação Brasil-Haiti para Implementação do Projeto "Fortalecimento Institucional em Defesa Civil". **MRE**, 2010. Disponível em: <https://aplicacao.itamaraty.gov.br/ApiConcordia/Documento/download/7114>. Acesso em: 28/07/2024.

ENLOE, C. Understanding Militarism, Militarization, and the Linkages with Globalization: Using a Feminist Curiosity. **Women Peacemakers Program**, 2014. Disponível em: http://www2.kobe-u.ac.jp/~alexroni/IPD%202015%20readings/IPD%202015_9/Gender%20and%20Militarism%20May-Pack-2014-web.pdf. Acesso em 19/09/2024.

LEE, S; BARTELS, S. "They put a few coins in your hands to drop a baby in you" 265 stories of Haitian children abandoned by UN fathers. **The Conversation**, 2019. Disponível em: <https://theconversation.com/they-put-a-few-coins-in-your-hands-to-drop-a-baby-in-you-265-stories-of-haitian-children-abandoned-by-un-fathers-114854>. Acesso em: 18/09/2024.

Dans les rues de Port-au-Prince, capitale haïtienne terrorisée par les gangs. **Le Monde**, 2024. Disponível em: https://www.lemonde.fr/international/article/2024/07/23/port-au-prince-sous-la-coupe-des-gangs-on-mange-bien-deux-jours-dans-la-semaine_6256006_3210.html. Acesso em: 18/09/2024.

COBRADI. Cooperação Brasileira para o Desenvolvimento Internacional. **Repositório IPEA**, 2010. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/2527/1/Livro_Cooperacao_brasileira_para_o_desenvolvimento_internacional-2010.pdf. Acesso em: 18/09/2024.

Referências

TOLEDO, A; BRAGA, L. Abuso e exploração sexual em operações de paz: o caso da MINUSTAH. **Revista Estudos Feministas**, 28 (3), 2020. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n360992>.

URBANO, J. P. A tragédia do Haiti: a farsa da nova intervenção. Brasília: **Revista Petrel**, v. 6, n. 3, 2024.

WILLS, S; MCLAUGHLIN, C; LOUIS, I. Sent to Haiti to keep the peace, departing UN troops leave a damaged nation in their wake. **The Conversation**, 2017. Disponível em: <https://theconversation.com/sent-to-haiti-to-keep-the-peace-departing-un-troops-leave-a-damaged-nation-in-their-wake-85584>. Acesso em: 18/09/2024.